



---

## Indústria cultural, razão instrumental e educação: aproximações teóricas à luz dos escritos de Theodor W. Adorno e Max Morkheimer

---

POR MARTA REGINA FURLAN DE OLIVEIRA

mfurlan.uel@gmail.com

### Introdução

*A essência da ciência não se esgota na economia do pensamento e da técnica, ele é desejo de verdade (Horkheimer, 2002).*

Este artigo objetiva analisar a indústria cultural em sintonia com a razão instrumental a partir dos escritos teóricos de Max Horkheimer e Theodor Adorno, especificamente, na obras *Dialética do Esclarecimento* publicado em início de 1947 e *Eclipse da Razão*<sup>1</sup> em um ano antes. O objetivo do artigo, nesse sentido, é refletir o conceito de racionalidade em Adorno e Horkheimer subjacente na cultura industrial contemporânea e suas implicações no processo de vida humana e no campo da educação. A análise consiste, ainda, na compreensão crítica do “conceito de esclarecimento” na *Dialética do Esclarecimento* em Adorno e Horkheimer em que, sob a lógica social e econômica do capitalismo tardio, a formação cultural (*Bildung*), originalmente voltada para o desenvolvimento de processos subjetivos de formação, foi obstruída em sua dimensão crítica, sendo reduzida a semiformação (*Halffbildung*), convertendo-se, desse modo, a razão instrumental em processo de adaptação social.

Em *Dialética do Esclarecimento*, Adorno e Horkheimer (1985) caracterizam as condições da razão iluminista. O pensamento esclarecido constituiu-se, inicialmente,

---

<sup>1</sup> As respectivas obras foram elaborados num período em que a expressão totalitária do capitalismo e o confronto armado com o sistema internacional e seus aliados resultaram na destruição de parte significativa do Velho Mundo. Tanto neste como no Novo Mundo, milhares de vidas humanas haviam sido ceifadas e foram produzidos outros tantos de mutilados (ADORNO E HORKHEIMER, 1985).



com o propósito de libertar os homens da ignorância e do medo e, dessa forma, permitir-lhes o domínio do mundo. Assim, o saber que é poder, como bem definiu Bacon, “deve imperar sobre a natureza desencantada”. E para isso o saber “não conhece barreira”. Em *Eclipse da Razão*, Horkheimer reafirma, no prefácio de 1946, a preocupação com “uma sociedade verdadeiramente humana” e com o “processo de desumanização” com a aniquilação do sujeito e do pensamento, estes ameaçados pelo progresso da ciência industrial e tecnológica (HORKHEIMER, 2002 p.5-6).

É possível afirmar que a concepção crítica dos escritos de Theodor W. Adorno e Max Horkheimer, oferece-nos subsídios para uma prática reflexiva de resistência a esse processo de adaptação social e de instrumentalização da razão. Diante disso, esse texto objetiva argumentar que a essência do conceito de indústria cultural não só permanece atual, como também é relevante para a crítica das condições sociais que fundamentam a razão instrumental e a universalização da semiformação.

Horkheimer (2002), ao explicitar a transformação sofrida pela razão, afirma que esta foi reduzida a uma função meramente instrumental. A partir disso, as ações humanas convivem com a repetitividade da ciência em que tudo pode ser repetido quantas vezes for necessário, como um experimento, em que o resultado é sempre idêntico. “A cultura contemporânea a tudo confere um ar de semelhança” (ADORNO, 2009 p.05).

A racionalidade de caráter meramente instrumental, que é alheia aos interesses mais fundamentais da vida humana provoca no indivíduo, a crise dos fundamentos do pensamento e, coloca em questão as possibilidades emancipatórias da própria racionalidade. Há, desse modo, o predomínio de uma racionalidade estritamente instrumental, distante dos propósitos e necessidades vitais. Sob o prisma da razão subjetiva, as “coisas” racionais são as que se mostram obviamente úteis para o homem, tendo como parâmetro o próprio contexto cultural e social em que se vive (HORKHEIMER, 2002).

A lógica assumida pela indústria cultural é condizente com os padrões instrumentais da razão subjetiva. Dessa forma, prevalece a falsa identidade do universal e do



particular como maneira de generalização evidente que praticamente “não concebe aos indivíduos a possibilidade de expressões autônomas que retroajam sobre a totalidade social” (DUARTE, 2003 p.51). O arcabouço ideológico da Indústria Cultural<sup>2</sup> esvazia a individualidade de seu sentido próprio identificando cada sujeito com indicadores que ela cria – indicadores externos, relacionados ao consumo e a fetichização da técnica. Assim, a racionalidade técnica se restringe à racionalidade da própria dominação, de caráter repressivo da sociedade que se auto aliena (HORKHEIMER, 2002).

Há, desse modo, um movimento de conformação do indivíduo à técnica, pela fetichização do saber e do pensamento, convertendo-o em mera mercadoria. A cultura mercantilizada incute no indivíduo a ideia de que “a realização plena da razão instrumental é o ápice do desenvolvimento humano, nada mais havendo a ser atingido” (DUARTE, 2002 p. 37), todavia propaga-se, nesta lógica, a integração semiformativa das massas.

Há, nesse sentido, a aparência de que o indivíduo e a sociedade se encontram “reconciliados” quando, na verdade, tal sistema “é um poderoso instrumento para, simultaneamente, gerar lucros e exercer um tipo de controle social (DUARTE, 2002 p.38). A cultura é, especialmente, atingida por esse processo e as relações suplicam pela reprodução do sempre idêntico. Nesse sentido, vê-se que a mesmice caminha de mãos dadas com o conformismo e com a resignação ao horror (DUARTE, 2003 p.51).

Adorno (1995) alerta para o fato de que essa reconciliação entre o indivíduo e a sociedade é forçada, principalmente se determinada pelas relações sociais que exigem a universalização da semiformação e, por que não dizer, da nossa educação danificada.

Nesse sentido, embora essa reflexão inicial nos incite a pensar que os indivíduos têm de se submeter às exigências impostas pela Indústria Cultural e pela racionalidade técnica como requisito fundamental no processo de inserção na vida social e no campo

---

<sup>2</sup> O termo *indústria cultural* foi utilizado por Adorno e Horkheimer pela primeira vez em 1947, na obra *Dialética do Esclarecimento*, com o objetivo de especificar o caráter fetichista e manipulador do processo de produção e veiculação da cultura. (ADORNO, 1977).



educacional, a apropriação teórica dos fundamentos da teoria crítica pode estabelecer uma consciência crítica de resistência à barbárie e, portanto, de promoção de uma educação para a auto reflexão, para o esclarecimento.

### **Indústria Cultural, Razão Instrumental e Semiformação**

O termo *Indústria Cultural* foi utilizado por Adorno e Horkheimer pela primeira vez em 1947, na obra *Dialética do Esclarecimento*, com o objetivo de especificar o caráter fetichista e manipulador do processo de produção e veiculação da cultura. Assim, o termo é apropriado para conceituar a função administrativa que a produção dos bens culturais passou a ter no processo de desenvolvimento da sociedade industrial (ADORNO, 1977). Segundo Adorno e Horkheimer (1985) a Indústria Cultural atende imediatamente às necessidades do público, mas de maneira que seus legítimos anseios sejam apropriados pela lucratividade e controle social.

Desse modo, é evidente pensar que a Indústria Cultural integra e administra os níveis do comportamento social como parte integrante das necessidades simbólicas dos indivíduos. É, ao mesmo tempo, ferramenta e produto do sistema capitalista, sendo a própria voz da cultura mercantilizada; caracterizada por sua dimensão acultural e fetichizante. Adorno (1993, p. 36) afirma que a cultura “simula uma sociedade digna do homem, o que não existe [...]”. A cultura e a arte, antes vias de expressão e contestação, transformam-se em mercadorias reproduzidas em série e designadas de acordo com os interesses do sistema econômico capitalista.

Em seus procedimentos de padronização e ao mesmo tempo de preservação da ilusão de liberdade de escolha no campo da cultura, a indústria cultural envolve-se em um paradoxo. Justamente a sociedade que estimula o consumo massivo e seletivo, que deixa milhões de pessoas com a mesma aparência, insiste em definir quem é o indivíduo, em função das mercadorias que ele consome e, desse modo, o induz a pensar em uma individualidade que não existe. Nesse sentido, “o preço que se paga pela identidade de tudo com tudo é o fato de que nada, ao mesmo tempo, pode ser idêntico consigo mesmo”, em um processo no qual a unidade da coletividade acaba sendo



manipulada na negação de cada indivíduo coletivo. Diante disso, é fato que na história da razão instrumental e semiformação, “os homens receberam o seu eu como algo pertencente a cada um, diferente de todos os outros, para que ele possa com maior segurança se tornar igual” (ADORNO e HORKHEIMER, 1985 p.27).

Verifica-se, então, uma revolução que modifica o modo de viver e de ser das pessoas, alterando suas culturas e, por conseguinte, re/moldando a individualidade, seja pela racionalidade técnica, pela propagação da indústria cultural ou da mercadoria e do consumo. Diante disso, a Indústria Cultural é a própria indústria da diversão e é por meio dessa mesma diversão que estabelece o controle dos consumidores. A promessa de felicidade, claro, nunca é cumprida, e as horas de lazer nada mais são do que “o prolongamento do trabalho sob o capitalismo tardio” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 128).

Adorno mostra que, com a universalização do mercado da indústria cultural, a contradição entre a formação cultural e a sociedade de consumo apresenta como resultado a *semiformação/semicultura*. Em se tratando da semiformação, esta tende a reduzir a individualidade a unidades perfeitamente reguláveis e sujeitas às regras da Indústria Cultural, pelo pensamento conformista e de acomodação à realidade. A reconciliação entre o indivíduo e a sociedade é forçada, principalmente pelas relações sociais que exigem a universalização da semiformação, conduzindo à fragilização da individualidade em um conformismo uniformizador (ADORNO, 1995).

Nesse sentido, os produtos culturais são absorvidos pelos consumidores que se tornam, segundo Adorno (1993), não o sujeito, mas o objeto dessa indústria pelo processo de adaptação, ou seja, semiformação. Nesse sentido, Adorno, ao anunciar a Indústria Cultural enquanto prestadora de serviço ao cliente, afirma:

Não se trata tanto para a indústria cultural de adaptar-se às reações dos clientes, mas sim de fingi-las. Ela as inculca neles ao se comportar como se ela própria fosse um cliente. Seria possível suspeitar que todo esse ajustamento, ao qual ela assevera obedecer também, é ideologia; as pessoas se esforçariam tanto mais para se igualar às outras e ao todo, quanto mais empenhadas estivessem – através da igualdade exagerada, esse juramento público de impotência social – em participar do poder e em minar a igualdade. [...] A indústria cultural modela-



se pela regressão mimética, pela manipulação de impulsos de imitação recalçados. [...] Ela consegue fazê-lo tanto melhor quanto mais, em um sistema estabilizado, ela pode contar de fato com tal assentimento, precisando muito mais repeti-lo de maneira ritual do que, a rigor, produzi-lo. O que ela produz não é um estímulo, mas um modelo para maneiras de reagir a estímulos inexistentes (ADORNO, 1993, p. 176)

A cultura veiculada sob essa perspectiva da Indústria Cultural, dissemina padrões comportamentais de ajustamento dos indivíduos ao processo mais amplo de circulação do capital, constituindo, assim, a padronização de comportamentos, desejos, ideias, em conformidade à mercadoria. Neste processo, a razão fica submetida ao “imediatismo dado”, ao cálculo e a instrumentalização. Tudo se resume a fatos e números e aquele que não compactua dessa verdade é praticamente excluído do contexto.

É nítido o definhamento da humanidade do seu elemento crítico, atuando como mero instrumento a serviço da ordem existente, dominando e reduzindo o sujeito moderno e suas relações ao nível de ‘coisa’. Segundo Adorno e Horkheimer (1985 p.12) o pensamento se vê privado “não só do uso afirmativo da linguagem conceitual científica e cotidiana, mas igualmente da linguagem da oposição”. As massas acabam por absorver de maneira submissa as verdades da indústria cultural pelo processo da semiformação.

No processo semiformativo acontece a pseudo-individação, que é o processo que implica uma suposta diferenciação do indivíduo, tendo por base a primazia, supostamente livre, de estilos de consumo, já previamente padronizados e articulados pela lógica do mercado, da produção e do desejo. Esse movimento promove a identificação idealizada pela mercadoria, com a promessa implícita de atribuir individualidade e diferenciação social aos consumidores, porém o que de fato ocorre é o inverso, tendo como consequência a padronização e unificação do ser humano.

Nesse sentido, Adorno (In: COHN, 1986) afirma que os impactos da Indústria Cultural e dos processos semiformativos na constituição individual do ser humano, provocam a “cultura da ilusão individual” e da falsa “liberdade de escolha”, ou seja, a pseudo-individação. Assim, por pseudo-individação entende-se:



O envolvimento da produção cultural de massa com a auréola da livre-escolha ou do mercado aberto, na base da própria standardização. A standardização de *hits* musicais mantém os usuários enquadrados, por assim dizer escutando por eles. A pseudo-indivuação, por sua vez, os mantém enquadrados, fazendo-os esquecer que o que eles escutam já é sempre escutado por eles, pré-digerido (Adorno In: COHN, 1986 p.123).

Essa pseudo-indivuação se manifesta mediante as preferencias distintivas por novos estilos de consumo e, da inovação tecnológica capaz de produzir ilusões relacionadas aos fatores de “libertação da individualidade” e de “diversidade cultural”. Adorno (In: COHN, 1986 p.123) alerta que: “precisa ser mantida a ilusão e, em certa medida, até a realidade de uma realização individual”; uma vez que é camuflado o processo objetivo de geração da pseudoindividualidade. Ainda, o autor afirma:

É ainda muito otimista pensar que o indivíduo esteja sendo liquidado como osso e tudo. Pois mesmo na sua negação pura e simples, na supressão da mônada através da solidariedade, estaria plantada ao mesmo tempo a salvação do ser singular, que apenas na sua relação com o universal tornar-se-ia um particular. A situação atual está muito distante disso. [...] Em meio às unidades humanas padronizadas e administradas, o indivíduo vai perdurando. [...] Seu temperamento vivo e sem inibição, suas ideias inesperadas, sua originalidade, ainda que isso não passe de uma particular feiura, até mesmo sua algaravia, transforma o que é humano em traje de clown. Submetidos ao mecanismo universal da concorrência e não podendo se adequar ao mercado nem se impor nele de outra forma que não seja através da fixação de sua alteridade, mergulham de maneira apaixonada no seu próprio privilégio, exagerando a tal ponto que chegam a erradicar por completo aquilo que são tomados. Eles se vendem como fornecedores de calor humano em meio a frieza comercial [...] (ADORNO, 1993, p. 118).

Esse processo semiformativo gerado pela Indústria Cultural e pela fetichização da técnica, é acompanhado pela neutralização da razão ou a própria standardização em que todo o pensamento deve ter um alibi para o registro da sua utilidade. Assim, a pessoa se julga sabedora (semisaber) e se fecha às possibilidades da sabedoria. Ao contrário, os processos não-formativos/não-culturais em que há ingenuidade ou simples ignorância, é possível uma relação imediata com os objetos e situações, tendo como consequência um indivíduo não domesticado, com possibilidades para a elevação da consciência crítica. A *semiformação* ou *semicultura* se transforma em substâncias tóxicas que envenenam e deturpam o espírito, em elementos formativos não-



assimilados que coisificam a consciência e provoca a obstrução do pensamento e do saber reflexivo (ADORNO e HORKHEIMER, 1985).

O pensamento é reduzido a utilidade, ou seja, à indústria cultural que “atribui a qualquer coisa e a qualquer um o papel de um instrumento [...] em nome do que quer que seja realizado praticamente por tal instrumento” (HORKHEIMER, 2002 p.57). Nesse cenário, evidencia-se a semiformação e a neutralização da razão que, para Horkheimer, nada mais é do que o atrofiamento do intelecto e a redução da capacidade crítica e auto reflexiva da vida humana. Adorno e Horkheimer (1985 p.27) esclarecem que “não apenas são as qualidades dissolvidas no pensamento, mas os homens são forçados à real conformidade”. Nessa ilusão técnica da razão há a invasão e condução do pensamento a um sistema de “proibição de pensar que deve resultar finalmente na estupidez subjetiva, prefigurada na idiotia objetiva de todo o conteúdo da vida”. O pensamento tende a ser substituído, desse modo, por ideias preconcebidas e estigmatizantes que são promovidas como se fossem mercadorias.

A semiformação invade todas as esferas da vida social humana, como a religião, a arte, a educação. Os conceitos e os conteúdos são formalizados pela personalização da técnica e estritamente controlados e conformados aos padrões estabelecidos pela Indústria Cultural e razão instrumental. Diante disso, o chamado mundo prático não tem lugar para a verdade: “as ciências físicas são dotadas da chamada objetividade, mas esvaziadas de conteúdo humano; as humanidades preservam o conteúdo humano, mas só enquanto ideologia, a expensas da verdade” (HORKHEIMER, 2002 p.80).

Neste contexto social é certa a ideia de uma “falácia lógica” esvaziada de sentido e de intelectualidade, reduzida a procedimentos empíricos e mecanicamente lógicos do pensar. Os homens, reduzidos a essa lógica, convivem com o embrutecimento narrativo e com o uso preferencial de palavras e sentenças simples que fazem parte do repertório moderno, mas que não trazem uma leitura crítica e compreensível da realidade em sua totalidade. Desse modo, o pensamento é condicionado pela lógica industrial e pelo processo semiformativo do conhecimento, provocando a domesticação do homem



mediante sua adaptação e submissão à pressão decadente da ordem criada pelo homem.

Marcuse (1999, p. 73) corrobora as afirmações de Adorno e Horkheimer, ao afirmar que a racionalidade técnica, como modo de produção do capital e como totalidade dos instrumentos, consiste em “organizar e perpetuar ou modificar as relações sociais, sendo uma manifestação do pensamento e dos padrões de comportamento dominantes, um instrumento de controle e dominação”. Desse modo, o progresso tecnológico tem provocado eficiência técnica no trabalho e alterações nas relações sociais, estabelecendo seu poder sobre os seres humanos, tornando-os dependentes da técnica. “A técnica por si só pode promover tanto o autoritarismo quanto a liberdade, tanto a escassez quanto a abundância, tanto o aumento quanto a abolição do trabalho árduo.” (MARCUSE, 1999, p. 74). Sua ampliação na sociedade contemporânea tem provocado eficiência técnica do trabalho e das relações sociais, entretanto, tem estabelecido também o poder sobre os seres humanos, conformando o indivíduo à técnica. Pode-se, portanto, identificar o progresso técnico e na regressão humana.

### **O conceito de Razão Subjetiva e Objetiva em Horkheimer**

Os escritos de Horkheimer na obra *Eclipse da Razão* evidenciam sua preocupação em esclarecer o conceito da razão subjetiva e objetiva acompanhada pelas implicações históricas e filosóficas do conceito da razão. A obra caracteriza-se por uma coletânea (apresentada em capítulos) de palestras públicas realizada na Universidade de Colômbia em 1944 e, que reflete uma ampla teoria filosófica desenvolvida pelo autor em elaboração com Adorno (HORKHEIMER, 2002).

Horkheimer (2002) no prefácio de sua obra chama atenção ao processo de desumanização, acompanhado por um avanço dos recursos técnicos voltados a informação e ao conhecimento.

[...] Parece que enquanto o conhecimento técnico expande o horizonte da atividade e do pensamento humanos, a autonomia do homem enquanto indivíduo, a sua capacidade de opor resistência ao crescente mecanismo de manipulação de massas, o seu poder de imaginação e o seu juízo independente



sofreram aparentemente uma redução. [...] O progresso ameaça anular o que se supõe ser o seu próprio objetivo: a ideia do homem (HORKHEIMER, 2002 p.07).

O avanço da dominação técnica transformou-se num poderoso instrumento utilizado pela Indústria Cultural, a fim de conter o desenvolvimento do pensamento das massas. A Indústria Cultural “impede a formação de indivíduos autônomos, independentes, incapazes de julgar e de decidir conscientemente” (HORKHEIMER; ADORNO, 1991, p. XIX). O caráter social dos processos técnicos sobre as relações capitalistas constitui-se, ainda que não sem contradições, em forças do capital, haja vista que os processos tecnológicos tendem a ser direcionados na lógica do lucro e não no plano das necessidades humanas. Desse modo, os homens definem e produzem a ciência e a tecnologia que, por fim, são produtos humanos marcados pelas relações sociais (econômicas, políticas, culturais, éticas). A ciência e a técnica são predominantemente produzidas no interior destas relações marcadas pela exploração e exclusão social.

Diante disso, tem-se a preocupação em definir o conceito de razão e, para isso, o autor apresenta a existência de uma relação necessária entre *razão e eficiência*, a qual não é interna, mas mediada socialmente, como meios para satisfação das necessidades naturais dos indivíduos; ou seja, “a relação de tal objeto ou conceito com um propósito, não com o objeto ou conceito em si mesmo”. Com a redução da razão a sua *dimensão instrumental*, predomina a *concepção utilitarista* que se transforma em critério para a eficiência das ações”. (HORKHEIMER, 2002).

É importante registrar que, historicamente, a razão subjetiva e objetiva estiveram presentes, mas no decorrer de um longo processo de transformação, a razão subjetiva vem predominando sobre a razão objetiva pela dimensão técnica e instrumental. A **razão subjetiva** se revela como a capacidade de calcular probabilidades e, desse modo, coordenar os meios corretos com um fim, utilitariamente, determinado pelo conceito de relativismo, ou seja, tudo depende do contexto (HORKHEIMER, 2002 p.12). Está relacionada ao “funcionamento abstrato do mecanismo do pensamento”, sendo relacionada conceitualmente com meios e fins, de maneira autoexplicativa, sendo portanto, verdade absoluta e sem contestação. Pelo pensamento abstrato, não há



espaço para a indagação, já que seus propósitos são basicamente racionais, com predominância ao conformismo da realidade tal como ela é (HORKHEIMER, 2002 p.09).

Horkheimer esclarece, ainda, que na era industrial, a razão subjetiva veicula falsos fundamentos democráticos com a ilusão de partir dos interesses do povo, dos vereditos populares como força soberana, como se reinasse agora no povo, um “novo deus”, expressão usada por Horkheimer em seus escritos. Nesse cenário, as próprias emoções estão se evaporando, porquanto estão sendo esvaziadas de seu conteúdo objetivo, de sua relação com uma verdade presumivelmente objetiva e abrindo caminhos para o pensamento racionalizado e coisificado à utilidade e fetiches da indústria cultural, dando lugar e valor ao que é (des) importante (HORKHEIMER, 2002 p.35 e 39).

Ao mesmo tempo em que há implícita uma promessa de recompensa, a qual seria efetivada com o progresso da civilização, a situação material da vida da maioria dos indivíduos mostra que a “troca” realizada não foi justa. A crise da razão consiste basicamente no fato de que até certo ponto “o pensamento tornou-se incapaz de conceber tal objetividade em si ou começou a negá-la como uma ilusão” e os conceitos de universalidade (direitos humanos, liberdade, democracia, justiça) são esvaziados de seu conteúdo, servindo apenas de revestimentos formais entregues a sanção suprema, no caso, o pensamento uniformizador. Nesse sentido, o significado é envolvido pela função ou efeito no mundo das coisas e eventos (HORKHEIMER, 2002 p.13).

Tal mecanização é na verdade essencial à expansão da indústria; mas se isso se torna a marca característica das mentalidades, se a própria razão é instrumentalizada, tudo isso conduz a uma espécie de **materialidade e cegueira**, torna-se um fetiche, uma entidade mágica que é aceita ao invés de ser intelectualmente aprendida (HORKHEIMER, 2002 p.28).

A razão torna-se instrumentalizada em virtude da supremacia da utilidade, da fragmentação, do parcelamento do pensamento e do embrutecimento intelectual. A linguagem nesse cenário, torna-se um mero instrumento de comunicação e orientação das massas, em que cada palavra soa com um toque de sedução e fetiche, trazendo consequências nítidas sobre a verdade e o pensamento.



Assim, a busca da verdade, sob controle social, passa a ser cercada, vigiada, controlada e a diferença entre pensamento e ação é anulada. “Quanto mais emasculado (castrado) se torna o conceito de razão, mais facilmente se presta à manipulação ideológica e à propagação das mais clamorosas mentiras” (HORKHEIMER, 2002 p.28 e 29).

O argumento de Horkheimer vai além da crítica à razão subjetiva como mecanismo de repressão dos impulsos. Prende-se ao movimento da **razão objetiva** que tem a função de compreensão da essência das coisas pelo conceito de universalidade, ou seja, a existência da razão não só como uma força da mente individual, mas do mundo objetivo nas relações entre os seres humanos e entre classes sociais, nas instituições sociais, e na natureza de suas manifestações. É entendida por Horkheimer como a dimensão capaz de definir os fins das ações na ótica da totalidade e da universalidade. Nesse sentido, o grau de racionalidade de uma vida humana pode ser determinado segundo a sua harmonização com essa totalidade, além disso, a razão objetiva jamais excluiu a razão subjetiva, todavia, simplesmente considerou-a como a expressão parcial e limitada de uma racionalidade universal (HORKHEIMER, 2002).

Horkheimer esclarece que a razão objetiva relaciona-se, portanto, à determinação dos fins aos quais as ações se orientam, evidenciando a crítica ao processo de desumanização do pensamento que tem afetado os próprios fundamentos da sociedade civilizada. Para a filosofia da razão objetiva, há a defesa na capacidade, no direito e no dever da mente de descobrir a natureza das coisas e derivar desta compreensão os modos corretos da atividade humana.

O grau de racionalidade de uma vida humana podia ser determinado segundo a sua harmonização com essa totalidade. A sua estrutura objetiva, e não apenas o homem e os seus propósitos, era o que determinava a avaliação dos pensamentos e das ações individuais. Esse conceito de razão jamais excluiu a razão subjetiva, mas simplesmente considerou-a como a expressão parcial e limitada de uma racionalidade universal, da qual se derivavam os critérios de medida de todos os seres e coisas. A ênfase era colocada mais nos fins do que nos meios. O supremo esforço dessa espécie de pensamento foi conciliar a ordem subjetiva do “racional”, tal como a filosofia o concebia, com a existência humana, incluindo o interesse por si mesmo e a autopreservação (HORKHEIMER, 2002 p.13).



Nesse sentido, a razão objetiva deve ser concebida em proximidade ao entendido pelos gregos, referindo-se à possibilidade de compreensão universalista da realidade. O pensamento racional objetivo apresenta duas dimensões fundamentais, a saber: 1) como estrutura operante na sociedade, a qual determina sistema de crenças e fundamenta a ação dos indivíduos na medida que define os fins que elas devem atingir; 2) como modo de pensar essa estrutura, mais precisamente, como um sistema filosófico que sustenta a possibilidade de uma verdade objetiva e acessível aos indivíduos, refletindo aquela estrutura já presente na realidade.

As considerações feitas por Horkheimer ao diferenciar a dimensão objetiva e subjetiva, repercutem o conceito de racionalidade instrumental, que, na *Dialética do Esclarecimento* em Adorno e Horkheimer (1985) evidencia-se como expressão da redução desta à sua dimensão subjetiva. A razão, tornou-se, portanto, um instrumento. Tornou-se algo inteiramente aproveitado no processo social. Ao processo de formalização da razão verifica-se uma alteração no próprio sentido da conservação, em que essa deixa de ser concebida em termos de uma formação humana e é reduzida a uma função de satisfação de necessidades humanas e naturais. Com a redução da razão à dimensão instrumental e à perda da referência a fins objetivos, a pretensão de universalidade antes presente, agora é enfraquecida pelos interesses imediatos e contingentes. A racionalidade passa a ser conectada aos interesses e formas de poder, não mais aos interesses objetivos dos seres humanos ocasionando, desse modo, o atrofiamento do intelecto pela neutralização da razão. (HORKHEIMER, 2002).

Uma das causas do enfraquecimento da razão objetiva como estrutura inerente à realidade reside na falsa democracia, em que a “ideia da maioria, privada de seus fundamentos racionais, assumiu um aspecto completamente irracional” e os princípios da maioria, na forma de “vereditos populares” sobre qualquer assunto ou situação, tornou-se a “força soberana” à qual o pensamento tem que proferir. Assim, “quanto mais o julgamento do povo é manipulado por toda espécie de interesses, mais a maioria é apresentada como árbitro na vida cultural”, ou seja, substitutivo da razão pelo ilusório triunfo do progresso democrático (HORKHEIMER, 2002 p. 35).



Mediante a argumentação de Horkheimer (2002), o pensamento torna-se algo irreduzível e tem intensidade no processo semiformal gerado pela manipulação da Indústria Cultural e da razão instrumental. Apesar disso, a consciência esclarecida e o pensamento crítico e reflexivo podem contribuir no processo de superação das artimanhas da Indústria Cultural e Razão Instrumental, fatos presentes na contemporaneidade.

### **Conceito de Esclarecimento em *Dialética do Esclarecimento***

Ao buscar a compreensão do *conceito de esclarecimento* há a necessidade de recorrer aos escritos de Theodor W. Adorno e Max Horkheimer (1985) com a obra *Dialética do Esclarecimento*<sup>3</sup>. O termo *esclarecimento* (*Aufklärung*) está relacionado ao Iluminismo que significa “época ou filosofia das luzes”, ou seja, “o processo pelo qual uma pessoa vence as trevas da ignorância e do preconceito em questões de ordem prática (religiosa, políticas, sexuais, etc) (ADORNO e HORKHEIMER, 1985 p.07). Entretanto, o conceito de *esclarecimento* (*Aufklärung*) é mais coerente do que Iluminismo uma vez que não está restrito a um determinado período histórico, tal como o do “século das luzes”.

A grande pretensão do *conceito de esclarecimento* desde sua origem era de descortinar as explicações irracionais dos mitos e substituí-las pelo saber no processo de desencantamento do mundo. O *esclarecimento* diz respeito ao processo de racionalização espelhado na filosofia e na ciência – em que “os homens tentam se libertar das potências míticas da natureza (encanto, fetiche), mas acabam submetidos a condições que exigem a regressão das suas próprias capacidades” (ZUIN et ali, 2008 p.46).

O preço da dominação não é meramente a alienação dos homens com relação aos objetos dominados; com a coisificação do espírito, as próprias relações dos homens foram enfeitadas, inclusive as relações de cada indivíduo consigo mesmo. Ele se reduz a um ponto nodal das reações e funções convencionais que se esperam dele como algo objetivo. O animismo havia dotado a coisa de uma alma, o industrialismo coisifica as almas (ADORNO e HORKHEIMER, 1985 p. 40).

---

<sup>3</sup> A obra *Dialética do Esclarecimento* foi publicada pela primeira em 1947 pela editora Querido em Amsterdam (HORKHEIMER e ADORNO, 1985).



Entretanto, para que haja ampliação do conceito no campo da reflexão, é preciso pensar no processo histórico-filosófico desse conceito, recorrendo ao entendimento do termo Iluminismo. Conforme dados históricos, o Iluminismo<sup>4</sup> foi um movimento intelectual que surgiu durante o século XVIII na Europa provocando mudanças políticas, econômicas e sociais, baseadas nos ideais de liberdade, igualdade e fraternidade. Defendia o uso da razão (luz) contra o antigo regime (trevas) e pregava maior liberdade econômica e política, legitimando o avanço da ciência e da razão.

O programa do Iluminismo trouxe uma contribuição significativa para a constituição da teoria crítica e do próprio conceito de dialética do *esclarecimento* de Adorno e Horkheimer

(1985). “Este programa do Iluminismo (esclarecimento) consistia no desencantamento do mundo”, ou seja, “eles queriam dissolver os mitos e fortalecer as impressões através do saber”, conforme aponta Adorno e Horkheimer (1985 p.19).

Diante disso, percebe-se que ao se referirem ao conceito de Iluminismo, Adorno e Horkheimer (1985) apresentam a contradição desse pensamento, uma vez que o projeto pretendia libertar os homens dos mitos pelo conceito de razão, mas aconteceu o inverso, o iluminismo aprisionou o homem em novos mitos, agora pela razão instrumental e semiformação. Desse modo, o Iluminismo ou o *esclarecimento* propôs-se a superar o pensamento mitológico através do instrumental racional e criou a técnica como dominação da natureza. Mas, ao fazê-lo, transformou-se em mito: a razão esclarecida retorna ao pensamento único e não crítico. Uma questão ainda permanece atual: “Por que a humanidade, em vez de entrar em um estado verdadeiramente humano, está se afundando em uma nova espécie de barbárie?” (ADORNO, HORKHEIMER, 1985 p.11).

---

<sup>4</sup> John Locke é considerado o “pai do Iluminismo”. Sua principal obra foi “Ensaio sobre o entendimento humano”, em que Locke defende a razão afirmando que a nossa mente é como uma tábula rasa sem nenhuma ideia (DUARTE, 2003).



Adorno e Horkheimer (1985 p.43) elucidam o fato de que “a essência do esclarecimento é a alternativa que torna inevitável a dominação”. Afirmam ainda que no processo histórico e social, os homens tiveram que optar em “submeter-se à natureza ou submeter a natureza ao eu”. Assim, o programa do esclarecimento não conduziu à emancipação, mas sim, à técnica e à ciência moderna que mantém com seu objeto uma relação hegemônica e autoritária do pensamento. Em seu percurso do mito à ciência moderna, se fez instrumento: “O esclarecimento pôs de lado a exigência clássica de pensar o pensamento. O procedimento matemático tornou-se, por assim dizer, o ritual do pensamento. Ele transforma o pensamento em coisa, em instrumento, como ele próprio o denomina”. Há, desse modo, a regressão à mitologia de qual jamais soube escapar perpetuando, nesse sentido, o “horror mítico do esclarecimento” que tem por objetivo o mito. (ADORNO e HORKHEIMER, 1985 p. 37 e 41)

Dessa forma, a racionalidade técnica cumpre sua função econômica na cultura administrada. Sob o pretenso atendimento ao gosto do consumidor, promove-se seu nivelamento, sua normalização e padronização – ditados pelos setores mais poderosos da indústria, aos quais se submete a indústria cultural, recalçando, “pelo controle da consciência individual [...], a necessidade que talvez pudesse escapar ao controle central” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 114).

Esta racionalidade instrumental e repressiva que nada mais é do que a “racionalidade da própria dominação”, se manifesta na ciência e na técnica, em cega objetividade e, provoca a liquidação do sujeito de seus conceitos universais, pela constituição da “falsa identidade do universal e do particular” (ADORNO e HORKHEIMER, 1985 p.114). A razão, sujeito abstrato da história individual e coletiva do homem em Kant e Hegel, converte-se, na leitura de Horkheimer e Adorno, em razão instrumental que se desviou do seu objetivo emancipatório original, voltando-se inclusive contra as suas tendências emancipatórias, agora afundando-se em uma nova espécie de barbárie, seja pela racionalidade técnica e pela *semicultura ou semiformação*. Desse modo, há de se afirmar, segundo Adorno e Horkheimer (1985 p.11) que “o preço das grandes invenções é a ruína progressiva da cultura teórica”.



O modelo teórico-crítico iniciado por Adorno, com a colaboração de Horkheimer, a todo o momento faz menção à cultura massificada. Duarte (2003) assinala que as simplificações e facilitações, na disseminação de conteúdos culturais estereotipados, privam a reflexão crítica de seu princípio fundamental no desenvolvimento do pensamento autônomo. Embora se viva na sociedade do conhecimento, os aligeiramentos culturais e o pragmatismo reinante têm produzido legiões de iletrados, incapacitados de intervenção crítica nos códigos de dominação e regressão veiculados ao social. A disseminação da Indústria Cultural legítima, neste sentido, elementos peculiares a uma sociedade administrada na medida em que impõe e padroniza os sentidos, ao contrário de expressá-los na sua autenticidade.

Após os escritos analisados de Adorno e Horkheimer pode-se pensar que a situação nos dias de hoje se revela ainda mais sombria e preocupante. A aceleração da indústria tecnológica e a sua relação com a produção e o consumo, tem aumentando de maneira poderosa a razão instrumental e a semiformação no contexto social contemporâneo.

### **Implicações do *Eclipse da Razão* no campo da Educação**

Ao buscar uma compreensão adequada das implicações do *Eclipse da Razão* no campo da educação, recorre-se aos propósitos apresentados por Horkheimer no prefácio de sua obra, quando este anuncia o seu esforço em “lançar alguma luz sobre as implicações filosóficas dessas mudanças” ocorridas no campo do pensamento e da vida humana pelo processo da racionalidade técnica. O autor ao anunciar seu objetivo não tem pretensão alguma em lançar um programa de ação, ao contrário, acredita que a crise da cultura está nesse procedimento ativo da ação, uma vez que afirma: “a ação só pela ação de modo algum é superior ao pensamento só pelo pensamento, e talvez lhe seja até inferior” (HORKHEIMER, 2002 p.08).

De fato, Adorno e Horkheimer anunciam em suas obras a ideia do humano, sua realização nos homens mediante a emancipação do indivíduo pelo processo de autodeterminação e autoconsciência, sua liberdade, sua realização social. Entretanto, esse processo exige seu desenvolvimento pela emancipação do indivíduo e libertação



do processo de dominação, um processo auto reflexivo e crítico pelo homem que impulse e estimule o pensamento.

As implicações do *Eclipse da Razão* em espaços formativos tornam-se o desafio emergente, em função do que seja esse processo no campo da formação e do pensamento crítico. Ora “a situação exige organização e centralização que representam o elemento do geral do ponto de vista da razão” (HORKHEIMER, 2002 p.151). Nesse propósito não há uma visão saudosista e tampouco iludida de querer retornar às formas mais antigas do sistema de formação, já que “o relógio não pode andar para trás, nem a evolução organizacional pode ser invertida ou mesmo teoricamente rejeitada”. As implicações do *Eclipse da Razão* no campo formativo traduzem-se na “resistência aos padrões monopolistas que se infiltram em suas próprias organizações e afetam, individualmente, as suas mentes” (HORKHEIMER, 2002 p. 151).

Diante desse quadro, far-se-á necessário pensar, conforme aponta Theodor Adorno em sua obra “Educação e Emancipação” (1995) como se dão os impactos da semiformação no interior dos processos educativos. Nesse sentido, o pensador estabelece o seguinte questionamento: Educação, para quê? Sob a perspectiva de Adorno, pode-se pensar sobre como tem sido desenvolvido o trabalho educativo docente e qual é o estado atual de formação cultural desses profissionais com vistas à emancipação humana.

Não diferente do contexto social, os processos formativos tornam-se *lócus* desta neutralização e unificação do pensamento, sendo mergulhadas no processo de semiformação. Ao contrário, deveriam ser espaços de possibilidades emancipatórias, já que Adorno acredita que os processos formativos sejam possibilidades de se tornar o homem “civilizado”. Nesse processo, o colapso educacional não se restringe meramente aos métodos ineficientes, ao contrário, manifesta-se pela crise da formação cultural, ou seja, pela crise da possibilidade de experiência do pensar crítico e auto-reflexivo. Quando a formação cultural reduz-se ao processo de semiformação/razão instrumental, com a onipresença do espírito alienado e adaptado, o indivíduo é entregue a si mesmo e aos padrões do consumo e da mercadoria.



O deslumbramento pelo processo tecnológico a que se deixam levar profissionais da educação, de certa forma, pela degeneração do pensamento reflexivo, provocam ameaças ao conteúdo crítico e emancipado do processo formativo em razão de sua determinação social e da própria padronização e embrutecimento do pensamento. Nesse processo, a autoridade pedagógica, em específico, assim como toda a atividade do homem moderno, transformou-se em mera técnica ou aplicação de conhecimentos produzidos pelas ciências da educação, atendendo à necessidade social de aumento da eficiência, da demanda de qualificação profissional e dos padrões de consumo e do pensamento. Mera atividade repetidora, incapaz de traduzir-se em experiências narráveis do conhecimento.

Tendo cedido em sua autonomia, a razão tornou-se um instrumento. [...] A razão tornou-se algo inteiramente aproveitado no processo social. Seu valor operacional, seu papel no domínio dos homens e da natureza tornou-se o único critério para avaliá-la. [...] Os conceitos foram “aerodinamizados”, racionalizados, tornaram-se instrumentos de economia de mão-de-obra. É como se o próprio pensamento tivesse se reduzido ao nível do processo industrial, submetido a um programa estrito, em suma, tivesse se tornado uma parte e uma parcela da produção (HORKHEIMER, 2002 p.26).

Diante dessa evidência de ampliação progressiva da expropriação da possibilidade de reflexão e de fazer experiências, a educação acaba reduzida a tarefa de apropriação do conhecimento produzido pelas ciências contemporâneas e, ao ensino resta a função reprodutor desses saberes deixando, portanto, de ser necessariamente um fator de esclarecimento ou transformação. Assim, observa-se, conforme apontamentos de Horkheimer (2002 p.133) que “a razão tornou-se irracional e embrutecida”, cabendo urgentemente a necessidade de refletir sobre o conceito de indivíduo e de educação, sendo que estes campos estão sendo tolhidos da formação cultural.

Entretanto, o embrutecimento e a neutralização da razão em espaços formativos acarreta ao professor o mero papel de “explicador” de saberes. Por mais que haja a preocupação como o pensamento reflexivo e transformador, são subjugados por esse processo naturalizado que domina e expropria a capacidade criadora e reflexiva.



Nesse sentido, é imprescindível pensar que, se a função da educação se apresenta ainda, como função de promover a emancipação, então se faz necessário que este profissional de educação desenvolva ações críticas desde as situações de planejamento educacional. Defende-se uma emancipação que permita a tomada de consciência pelos professores e alunos em que a individualidade seja formada propriamente no processo da experiência do pensar.



## Referências

ADORNO, Theodor Ludwig Wiesengrund. A indústria cultural. In: COHN, Gabriel (Org.). *Comunicação e indústria cultural*. 4. ed. São Paulo: Nacional, 1977.

ADORNO, T. L. HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Tradução: Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ADORNO, T.L. In: PUCCI, B; ZUIN, A.; LASTÓRIA, C.N (orgs). *Teoria Crítica e Inconformismo: novas perspectivas de pesquisa*. Campinas, SP: Autores Associados, 2010. (Coleção Educação Contemporânea) (p.07-40).

\_\_\_\_\_. Sobre música popular. In: COHN, G. (Org.). *Theodor W. Adorno*. São Paulo: Ática, 1986 p.115-146.

COHN, Gabriel (Org.). *Comunicação e Indústria Cultural*. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 1977.

DUARTE, Rodrigo. *Teoria Crítica da Indústria Cultural*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HORKHEIMER, Max. *Eclipse da Razão*. Tradução de Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Centauro, 2002.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor. *Textos escolhidos: traduções Zeljko Loparié et al*. 5. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991 (Coleção Os Pensadores).

MARCUSE, Herbert. *A ideologia da sociedade industrial*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

\_\_\_\_\_. *Tecnologia, guerra e fascismo*. Editado por Douglas Kellner. São Paulo: Unesp, 1999.

MARCUSE, H. *Razão e Revolução: Hegel e o advento da teoria social*. Tradução de Marília Barroso. Rio de Janeiro: Saga, 1969.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. *Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico*. 4. ed. São Paulo: Scipione, 1997.



PALANGANA, Isilda Campaner. *Individualidade: afirmação e negação na sociedade capitalista*. São Paulo: Summus, 2002.

ZUIN, Antônio Álvaro Soares. *Indústria cultural e educação: o novo canto da sereia*. Campinas: Autores Associados, 1999.

ZUIN, Antônio Álvaro Soares et ali. *Adorno: o poder educativo do pensamento crítico*. 4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.